

Menções Honrosas

“ O nosso pequeno nada...”

O nosso pequeno nada é para mim o melhor dos nossos grandes momentos.

Não sei se te lembras, mas foi no carro. Aliás é sempre no carro. Quando ouvimos a estação de rádio que eu escolho sempre, que passa as músicas que eu sei de cor, como tu sempre comentas, ambos vamos sem conversar, e eu vou a cantar.

E vínhamos de onde, lembras-te? Penso que vínhamos do Alentejo. Eu tinha tomado banho no mar, apesar de ser Outubro e tu tinhas ficado a dormir na toalha. Antes tínhamos comido umas sardinhas tardias, numa esplanada ao sol, com vista para o mar. Lembro-me das cervejas frescas, das matilhas de cães que andavam na vila alentejana e até me lembro de que passei o tempo com a noite anterior na cabeça. Gabámos as sardinhas. Comentei que eram como a mulher portuguesa, pequeninas e gordinhas. E desde aí chamas-me, algumas vezes, a tua sardinhita.

No regresso, eu liguei o rádio, escolhi a música e seguimos. Pus os pés em cima do porta-luvas e ficámos calados. Até que olhei para ti. E tu reparaste. E começaste a sorrir, ainda antes de virares a cara para mim. E perguntaste o que se passava e eu respondi nada. Algumas vezes perguntaste, algumas vezes respondi. Até que, enfim, tirei os pés do porta-luvas. Até que baixei o rádio. Até que esperei que o nada se transformasse em tudo. E disse-te:

- Lembras-te que te disse que te amava ontem. - Não perguntei. Afirmei. - Lembras-te que te disse que te amava ontem - afirmei de novo. - Disse-te e tu não respondeste nada - acrescentei.

E tu aí disseste o meu nome. Como fazes sempre antes de me dizer qualquer coisa importante. O meu nome é um travessão antes do início de uma declaração. E disseste:

- Eu ouvi, ontem - e acrescentaste, de mãos nos volante, ainda a sorrir -

Mas não preciso de te dizer o mesmo para saberes o que eu sinto. Tu e eu devemos ser suficientes para saberes que também te amo.

Na verdade, não disseste amo. Disseste que te quero. Porque não usas esse verbo, amar. Para ti querer-me é amar-me. E tu queres-me. E eu não tive como contra-argumentar. E troquei o nada por um pois. E olhei para os meus pés descalços, com areia no meio dos dedos. E lembrei-me da tua cara > quando que eu vesti, já no

parque de estacionamento da praia, o biquíni
atrás do carro, escondida e corada. E tu disseste que eu estava a ser um > pouco hippy. E riste-te muito
da minha rapidez, do meu embaraço, quando
não havia ninguém ali. Quando eu podia ter feito tudo muito devagar,
porque não passou ninguém. E comentaste, no fim, que o meu biquíni me
ficava bem, ali naquela praia de pedras pretas, ali no Alentejo.
E lembrei-me dessa cara de quem me descobre nos nossos pequenos nadas.
Sejam umas sardinhas tardias. Seja nas músicas que canto, e que sei quase
todas de cor, ou pelo menos o refrão. E como tu comentas, sempre, que as
canto todas. E depois, aí, depois dos pés, do carro, do biquíni, do mar,
olhei para o anel que está no meu dedo, até hoje.
Algures entre as sardinhas, o biquíni e o mar, compraste-me um anel. Eu
escolhi, mas tu apontaste primeiro para ele. Por isso escolhemos os dois. > Puseste-mo no dedo, em jeito
de brincadeira, em jeito de noivo no dia do
casamento. E eu ri-me muito. Apesar de ter a noite anterior na cabeça.
E depois de tudo isso, enfim, olhei para ti. Silencioso. Porque sabias que
eu ia responder. Sabias que os meus nadas são sempre os caminhos para os
tudo. E eu sorri-te. E olhei esse cabelo despenteado, os grãos de areia
que tinhas presos na barba e para as tuas mãos no volante. E respondi.
- Sim, eu sei. Tens razão. Tu e eu.
E voltei a pôr a música mais alta, e voltei a pôr os pés em cima do
porta-luvas. Toquei no anel e lembrei-me dos teus olhos para a hippy em
mim, para a tua mão quando puseste o anel no meu dedo, para as palavras
com o teu sotaque quando dizes: és a minha sardinhita.

Alexandra Abreu Lopes